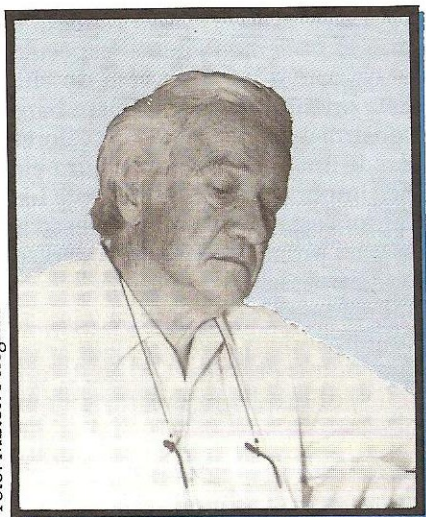


Foto: Milton Pelegrini



A COMUNICAÇÃO E OS RITOS DO CALENDÁRIO

NORVAL BAITELLO JR e JOSÉ ROBERTO BARRETO*

Jornalista, cientista político e cientista das comunicações, mais de 25 livros e uma centena de artigos publicados, Harry Pross é sem dúvida um dos mais originais e ativos pensadores da comunicação da atualidade. Nascido em 1923 em Karlsruhe, Pross foi jornalista, editor de importantes jornais e revistas (dentre eles a Deutsche Rundschau), correspondente de jornais internacionais na Alemanha, professor da Hochschule für Gestaltung de Ulm, redator-chefe da Radio Bremen e, de 1968 a 1983, professor e diretor do Instituto de Ciências da Comunicação da Freie Universität Berlin. Em sua visita a São Paulo, concedeu a seguinte entrevista exclusiva para a revista Projekt.

Projekt: *No Brasil o rádio e a televisão são privados, ao contrário da República Federal da Alemanha, onde até há poucos anos não havia rádio ou televisão comerciais. Como foi sua experiência como redator-chefe da Radio Bremen, uma instituição de direito público?*

Harry Pross: Nós pretendíamos ter uma rádio tão distante do poder estatal quanto da iniciativa comercial, administrada por um conselho curador nos moldes da BBC britânica. Pensávamos que este modelo poderia ser ampliado e assim estaríamos criando um espaço de liberdade pa-

ra o esclarecimento e para a informação do público. Foi este o nosso erro. Os partidos políticos se fizeram representar fortemente dentro do conselho curador e, com o estabelecimento do Estado partidário, os partidos foram ficando cada vez mais fortes. Em conseqüência, passaram a controlar também a redação da Rádio. Portanto, um tipo de corrupção partidária. Bom, então eu tive de partir para a briga, já que eu era independente, não estava vinculado a nenhum partido. Esta era minha concepção de política da mídia, que levei mais tarde para a universidade.

Projekt: *A falência do projeto do rádio como veículo de esclarecimento deve-se ao modelo da instituição de direito público?*

Harry Pross: Continuo considerando ótima a idéia de uma imprensa desvinculada das instituições de poder — seja ele advindo do Estado ou do capital privado — mas não se pode realizar idéias que sejam melhores do que as pessoas que as executam.

“Não se pode realizar idéias
que sejam melhores do que as pessoas
que as executam”

Projekt: *Qual é, então, o papel do jornalista na sociedade?*

Harry Pross: Depois de 45 anos de jornalismo, minha opinião é que o jornalista tem uma função social importante porque ele interpreta o calendário, dia após dia. O calendário é a pré-condição de toda atividade social e sem calendário não se pode coordenar, sincronizar esta atividade. O jornalista participa da sincronização diária, ele dá os significados do dia. Isto é um dos fundamentos da nossa sociedade. Não se pode deixar de enfatizar quão importante é esta atividade.

Projekt: *Em seus livros o senhor chama a atenção para os efeitos da “verticalização dos valores”. O que significa este conceito?*

Harry Pross: Os valores existem na cabeça das pessoas. Enquanto eles permanecem lá, não são perceptíveis para os outros. Estes valores são ordenados de cima para baixo. Isto está relacionado provavelmente

com a posição ereta do homem — mas aí podemos apenas especular — ou com a luz, que vem do alto. Esta orientação de cima para baixo constrói uma hierarquia de valores, desde um mais elevado até um menos importante. Enquanto esta hierarquia está na cabeça das pessoas, não há problema. Mas nós não sobrevivemos só com a cabeça, precisamos também da barriga e por isso dependemos da comunicação com outras pessoas. Daí temos que transpor nossos valores em signos, que são materializações perceptíveis aos outros. Aquilo que era imaterial torna-se concreto como signo. E é aí que nossos valores são colocados em prática e é aí que surgem os conflitos. E os conflitos já nascem quando, por exemplo, a mãe diz ao seu filho “tire seu brinquedo daí”. Então a criança responde “mas eu quero ele aí”. O brinquedo é um signo e para a criança ele simboliza um valor. E assim acontece em toda a sociedade. Nós temos um verticalismo dos valores que se torna perceptível por meio do horizontalismo dos signos. E esta é a situação básica tanto para o consenso quanto para o conflito.

Projekt: *Uma outra imagem presente em seus escritos é a do retângulo...*

Harry Pross: É, nós vivemos numa “cultura dos retângulos”. Pense nos quadros pintados desde a renascença, pense no jornal, na tela da televisão, na arquitetura e em toda a tecnologia, e naturalmente o retângulo é um meio de veiculação de símbolos. Isto tudo significa que certas valorações estão dadas a priori: a oposição entre “alto” e “baixo”, “esquerda” e “direita”, “dentro” e “fora”, por exemplo.

Projekt: *Gostaríamos que o Sr. falasse sobre o papel do ritmo e dos ritos nos meios de comunicação de massas.*

Harry Pross: Na minha opinião, o ritmo social desempenha um papel importante, pois ele funciona como elo entre o ritmo cosmológico — por exemplo as estações do ano — e o ritmo biológico, o ritmo interno de



cada organismo. Até mesmo a medicina já começa a levar em consideração o chamado "biorritmo", evitando operar os pacientes em seus dias críticos. Assim, sem o ritmo social, que concilia os ritmos individuais entre si e com o ritmo cosmológico, não haveria atividade social. A atividade social precisa ser ordenada em um rito de calendário, que constitui o rito básico de toda sociedade. É por ele que se orienta o rito do trabalho na sociedade industrial, enquanto na agricultura o ritmo cosmológico desempenha o papel mais importante. E aí vem os veículos de comunicação de massa que naturalmente se aproveitam disto. As mais altas frequências da sociedade industrial estão no final dos ritos do trabalho, aquilo que chamamos de "lazer". É quando começa a luta pelas taxas de audiência e pelos horários de transmissão. Não é por acaso que os jornais são matutinos, vespertinos, diários, semanários, etc, tudo em perfeita adequação ao rito social, tirando proveito dele para alcançar determinadas quantidades da atenção pública.

Projekt: *E isto tem a ver com aquilo que o Sr. chama de "Signalökonomie", não é? Pois esta é a nossa próxima questão: a "economia do sinal", fale um pouco sobre ela.*

Harry Pross: O desenvolvimento da mídia — dos meios de comunicação interhumana, para sermos mais claros — obedeceu ao mesmo princípio de milênios atrás: para transmitir uma mesma mensagem, se deve empregar o menor esforço possível para procurar alcançar o máximo possível de pessoas e abranger o maior espaço possível. Come-

"Não sobrevivemos só com a cabeça,
precisamos também da barriga
e por isso dependemos da comunicação
com outras pessoas"

çamos pelo setor primário, elementar, dos contatos elementares. O orador se posiciona na montanha para ser ouvido e, com isto, pode também ser visto. Pode, assim, por meio de gestos e mímica, dar maior

ênfase ao seu discurso. É claro que não alcança longas distâncias. Se observarmos a história das religiões, veremos que existiram sempre pequenos grupos de ouvintes que, por sua vez, transmitiram as mensagens para outros grupos. Isto contém em si um elemento de dominação, pois o homem que se põe sobre a montanha e prega, o homem que fala para uma assembleia, o rei que fala a seu conselho de ministros, economiza algo de seu próprio tempo de vida, de seu tempo biológico. A reunião de pessoas representa um poder e quem consegue reunir um grande número de pessoas economiza um grande tempo (que ele levaria para transmitir a mensagem a cada um isoladamente). Trata-se aqui do princípio da "redução do esforço do sinal". Como segundo momento desta evolução ocorre a oposição de mensagens sobre portadores materiais que podem ser distribuídos. Pinturas, sinais de fumaça, livros.

Apenas quem transmite a mensagem precisa de aparatos para produzir os objetos veiculadores. Depois vem o terceiro estágio, no qual nos encontramos hoje: não apenas o que transmite mensagens precisa de um aparelho, mas também aqueles que a recebem. Rádio e televisão exemplificam bem esta fase: não apenas as emissoras necessitam estar aparelhadas, mas cada pessoa que queira receber seus sinais precisa de um aparelho. Com isto amplia-se o alcance do sinal. Mas para ampliá-lo são necessários altos investimentos que, por sua vez, requerem um alcance ainda maior para manter esta economia. Esta dinâmica é a "economia do sinal".

.....

* Norval Baitello Jr. é professor de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP e do Teuto — Cursos de Alemão (São Paulo).

* José Roberto Barreto é jornalista e pós-graduando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP.

HARRY PROSS E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

JOSÉ ROBERTO BARRETO

Em seu livro "Zwänge. Essay über symbolische Gewalt" publicado no final de 1981 (Karin Kramer Verlag, Berlin), Pross faz uma análise dos símbolos na vida dos homens. Para ele, todo símbolo traz consigo uma violência implícita que lhe dá um poder de ação sobre as pessoas. Por exemplo, um sinal de trânsito. Ele simboliza um poder que está por trás de sua mensagem: o poder de violência do policial na repreensão do motorista que desrespeitou o sinal. Assim, o símbolo está lá para impor uma ordem, o que significa evitar o uso da força bruta numa determinada situação conflitante através da representação da violência.

Acontece que a ação do símbolo tem os mesmos resultados que o uso da força bruta: causa uma relação de superioridade e submissão. Superioridade na capacidade de elaboração do símbolo e submissão na sua obediência. Desta forma, o símbolo só se caracteriza como tal quando se materializa na vida dos homens. Para se compreender essa materialização, deve-se analisar o símbolo segundo dois eixos. Um eixo horizontal, referente a ação do símbolo no cotidiano humano. Aqui o símbolo incorpora as regras de convivência social, delimitando as ações e funções de cada indivíduo na sociedade. O outro eixo é o vertical, quando o símbolo representa uma hierarquia de valores. Assim, este eixo constitui exatamente a forma como o símbolo preserva a hierarquia de valores de uma sociedade.

.....

* José Roberto Barreto é jornalista e pós-graduando em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP.